



A eleição municipal de São Paulo de 2020 na percepção de conservadores e progressistas: rescaldo de 2018 e antecipação de 2022?¹

The municipal election of São Paulo 2020 in the perception of conservatives and progressives: aftermath of 2018 and anticipation of 2022?

Tathiana Senne Chicarino²

Cláudia Ferraz³

Carlos Raices⁴

Fabício Amorim⁵

Resumo: O presente artigo apresenta parte dos resultados qualitativos de uma pesquisa acerca das eleições municipais de 2020 em São Paulo, especificamente sobre os valores e comportamentos expressos pelos eleitores quanto à circulação de notícias falsas em grupos de discussão e entrevistas entre o 1º e 2º turno com respondentes classificados como progressistas ou conservadores. No que se refere especificamente ao corte eleições e pandemia observamos a presença de duas características atitudinais que se desdobraram nas hipóteses explicativas de crítica à representação política e/ou desinteresse pela política, e de esgotamento em relação à política eleitoral por conta de 2018. Os dois grupos identificaram uma diminuição de desinformação em comparação à 2018, mas sem que o clima de polarização tivesse necessariamente arrefecido, ao contrário, a percepção geral é de 2018 gerou um trauma político ainda não superado.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Cultura política, comportamento e opinião pública da 9ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (9ª COMPOLÍTICA), realizado em formato remoto, de 24 a 28 de maio de 2021.

² Cientista Política. Doutora em Ciências Sociais pela PUC/SP Professora da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Pesquisadora do NEAMP (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política) da PUC-SP. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa "Comunicação e Sociedade do Espetáculo" da Cásper Líbero. Editora da Aurora, revista de arte, mídia e Política da PUC-SP. E-mail: tschicarino@gmail.com

³ Cientista Social. Doutora em Ciências Sociais pela PUC/SP. Pesquisadora do NEAMP (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política) da PUC-SP. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa "Juvenália – Sobre Juventude, Política, Gênero e Consumo" do PPGCOM da ESPM. E-mail: claudiapferraz@gmail.com

⁴ Jornalista, mestrando em Ciências Sociais pela PUC/SP. Pesquisador do NEAMP (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política) da PUC-SP. E-mail: raices12@gmail.com

⁵ Jornalista. Mestre e Doutorando em Ciências Sociais pela PUC/SP. Especialista em Ciência Política pela FESPSP. Pesquisador do NEAMP (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política) da PUC-SP. Editor assistente na Revista Aurora (revista eletrônica de arte, mídia e política do PEPG em Ciências Sociais da PUC-SP). E-mail: fabrimorim@gmail.com



Sobre as eleições de 2022, conservadores e progressistas descrevem a existência de uma disputa política no contexto pandêmico e sobre a pandemia em si.

Palavras-Chave: Eleições municipais. Desinformação. Conservadorismo-progressismo.

This article aims to present a part of qualitative results of 2020 municipal elections research in São Paulo, the focus discussed specifically about values and behaviors expressed by voters regarding the circulation of false news. Through discussion groups and interviews done between the 1st and 2nd round, those respondents were classified as progressive and conservative. Over the specific regard around the election and pandemic circumstances, we could observe the presence of two attitudinal characteristics that unfolded the explanatory hypotheses: one is the criticism of political representation and/or lack of interest in politics; and two, approaches to exhaustion of electoral politics on account of 2018. Progressive and conservative groups identified a decrease in disinformation compared to 2018, despite without polarization climate having necessarily cooled down, on the contrary, the general perception is that 2018 generated a political trauma has not yet been surpassed. Regarding the 2022 general elections, conservatives and progressives describe existence of a political dispute in the pandemic context.

Keywords: Municipal elections. Disinformation. Conservatism-progressivism.

1. Introdução: notas acerca do ‘conservadorismo-progressismo’

O presente trabalho integra uma pesquisa mais ampla realizada pelo NEAMP/PUC-SP⁶ intitulada “Fake News e desinformação nas eleições municipais de São Paulo em 2020” entre o 1º e 2º turno onde buscou-se compreender os valores (atitudinais) e comportamentos (INGLEHART; BAKER, 2000) expressos pelos eleitores progressistas e conservadores onde objetivou-se discutir os seguintes temas: eleições e pandemia; dieta informacional; *fake news* e mecanismos de checagem.

Aqui analisaremos especificamente os resultados relativos à intersecção eleições/pandemia⁷ enfatizando duas hipóteses explicativas: crítica à representação

⁶ <https://www5.pucsp.br/neamp/>. Acessado: abr. 2021.

⁷ Identificada em dezembro de 2019 em Wuhan, na China, a doença respiratória foi declarada pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020.



política e/ou desinteresse pela política; e esgotamento em relação à política eleitoral por conta de 2018.

Empreendemos uma triangulação metodológica com grupos de discussão onde os participantes interagem e o moderador direciona o diálogo; e entrevistas em profundidade (ver Alonso, 2016). Foram realizados (formato online) seis grupos de discussão com progressistas, e um grupo com conservadores; três entrevistas com progressistas, e sete entrevistas com conservadores nas seguintes faixas etárias: 16 a 24 anos; 25 a 35; 36 a 45; 46 a 55.

A seleção foi feita através de um filtro de recrutamento composto por três baterias: socioeconômica; consumo de informação política; perfil típico-ideal – conservadores e progressistas – como opostos relacionais de representação política (BOBBIO, 1994).

Por serem termos antitéticos reciprocamente excludentes e conjuntamente exaustivos, ‘progressismo-conservadorismo’ devem ser analisados de forma relacional em seu conteúdo descritivo, normativo e histórico (BOBBIO, 1995). Assim defende Bonazzi (1998, p. 245) que o conservadorismo se apresenta como negação, mais ou menos acentuada do progressismo:

O conservadorismo parece ter aceito a tese do constante desenvolvimento da humanidade; mas, para contrariar os propósitos do progressismo, entendeu esse desenvolvimento como progresso evolutivo, mediante a acumulação de conhecimentos e experiências – e não como superação dialética do passado – ou, então como resultado de um sistema comunitário onde a sociedade, frente à existência individual, daria ao poder político o direito de conduzir os indivíduos pelas vias do progresso. Em ambos os casos se nega o ponto mais essencial do progressismo, que é a autonomia histórica do indivíduo, e se tenta estabilizar o universo moral de cada um, subtraindo-lhe a responsabilidade e o poder de o desenvolver e nele influir.

Se de um lado o progressismo tem como bases históricas o processo de laicização e racionalização da vida social, o conservadorismo precisa ser entendido em torno de sua própria função, qual seja: “ideias e atitudes que visam à manutenção do sistema político existente e dos seus modos de funcionamento, apresentando-se como contraparte das forças inovadoras” (BONAZZI, 1998, p. 242). No percurso que faz entre autores conservadores Lacerda (2019, p. 25) destaca que a ideologia

conservadora “[...] é a resistência que existe em um contexto específico, articulada, sistemática e teoricamente elaborado à mudança”.

Faganello (2015, posição 50) ressalta que o conservadorismo não se apresenta como um “corpo teórico consolidado”, mas antes, “se constitui enquanto uma disposição difundida nas relações sociais cotidianas, com certa fluidez e falta de rigor lógico-formal, sem propósitos pautados objetivamente para a conformação de uma ação política coordenada”.

Seguindo a mesma argumentação, Velasco (2015, posição 3) dirá que, ao contrário das terminologias direita e esquerda, léxicos políticos como conservadorismo [também o progressismo] nos remete a “[...] uma família de pensadores, de partidos ou movimentos políticos e sociais” sendo preciso identificar suas relações com a sociedade, com a composição social observada.

Kaysel (2015, posição 15) vai destacar duas correntes do conservadorismo, a primeira, vinda de Mannheim, trata de “[...] um estilo de pensamento que reage negativamente à modernidade burguesa, sustentado em uma base social aristocrática”; a segunda, a partir de Huntington se coloca “[...] como uma “ideologia posicional”, isto é, que só se define pela contraposição às investidas radicais, não tendo um conteúdo próprio” – tal como dito por Velasco (2015). Para Kaysel (2015, posição 15) a segunda seria a mais relevante para compreendermos o Brasil, dado que a aristocracia aqui sempre aderiu aos “[...] valores e formas da sociedade burguesa, do capitalismo e do Estado moderno”, ficando o culto ao passado deslocado na formação desse imaginário.

Ao tratar das díades relacionais ‘progressismo-conservadorismo’ na contemporaneidade, observamos a presença de dois eixos estruturantes articulados em certos níveis: a questão econômica e a questão religiosa.

Com relação ao primeiro eixo, Casara (2018, posição 59) sustenta que o neoliberalismo se adequa a qualquer ideologia conservadora e tradicional, pois embora aparente ser um projeto inovador, voltado à transformação e ao progresso, na verdade visam “restaurar uma “situação original” e mais “pura”, onde o capital possa circular e ser acumulado sem limites”, algo também defendido por Almeida (2018).



Para Miguel (2018) também há uma aproximação entre o ultraliberalismo e o conservadorismo de fundo religioso, especialmente por parte de algumas lideranças neopentecostais. Nesse aspecto, ao analisar a crise de hegemonia nos anos 2013, Burity (2018) busca seu elemento especificamente religioso e o identifica na acentuação da via político-eleitoral pentecostal, onde uma cúpula se constituiria como um “partido religioso” em sentido gramsciano.

Analisando a articulação entre evangelismo e conservadorismo na conjuntura brasileira recente, Almeida (2019, p. 185 e 186) sustenta que uma parte significativa do segmento evangélico compõe um processo social de alcance mais amplo, conhecido por onda conservadora pela qual não apenas o Brasil, mas o mundo vem passando. Para o autor, essa onda é composta por pelo menos quatro linhas de forças sociais:

1) economicamente liberal: acerca do papel do Estado na economia, em prol do esforço individual (afinidade com a Teologia da Prosperidade) e iniciativa privada versus políticas compensatórias e identitárias.

2) moralmente reguladora: voltada para uma moralidade pública (não restrita aos fiéis) como reação à secularização e aos comportamentos e valores tidos como progressistas.

3) securitariamente punitiva: em prol de mais repressão através dos aparelhos de segurança do Estado, mas também por parte da sociedade e dos indivíduos.

4) socialmente intolerante: intensificação do antagonismo político nas relações interpessoais.

Embora não possamos fazer uma correspondência direta entre filiação e discurso religioso e o conservadorismo, Faganello argumenta que este é um traço predominante na atuação política, com apelo eleitoral, de evangélicos. O conservadorismo-religioso se pautaria na “manutenção da ordem espiritual” e o conservadorismo securitizador-autoritário na manutenção da ordem mundana (FAGANELLO, 2015, posição 52).



2. Procedimentos metodológicos

Optou-se pela metodologia qualitativa, considerando que se trata da estratégia mais adequada para investigar a fundo as percepções sobre um determinado tema que se pretende investigar (BAUER; GASKELL, 2008).

Para obtermos as informações relacionadas aos interesses da pesquisa, conjugamos a flexibilidade da questão não estruturada a um roteiro com tópicos mais definidos. Essa dinâmica possibilitou explorar de forma mais aprofundada os aspectos que mais interessavam para a pesquisa, como por exemplo, compreender os efeitos das notícias falsas e da desinformação durante o período selecionado para a coleta de informações. Além disso, apresentamos imagens divulgadas nas redes digitais e outros meios de comunicação, para avaliação dos participantes.

Em nossa triangulação metodológica também recorremos à realização de entrevistas em profundidade ⁸, considerando que essa técnica possibilita a conversação com pessoas que podem trazer informações relevantes para o processo de investigação (LIMA, 2016).

De acordo com Bobbio (1995, p. 11):

[...] num universo conflitual como o da política, que exige continuamente a ideia do jogo das partes e do empenho para derrotar o adversário, a divisão do universo em dois hemisférios não é uma simplificação, mas uma fiel representação da realidade.

Almeida e Toniol (2018) defendem que termos como conservadorismo (também progressismo) são repertórios simbólicos lastreados pela história, mas ultrapassam sua especificidade originária. Possuem valor analítico e capacidade descritiva pelo fato de serem apropriados pelo imaginário coletivo, revelando disputas de poder.

Desta feita, metodologicamente nos sustentamos na conceituação típica-ideal weberiana, como um instrumento de articulação entre teoria e empiria (WEBER, 2003) no que se refere à díade 'progressismo-conservadorismo'.

Para construção dos tipos-ideais concernentes à nossa pesquisa adotamos os seguintes eixos: a. relação entre democracia e autoritarismo; b. papel do Estado na

⁸ Foram muitas as dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores para recrutar respondentes do perfil conservador, o que demandou rearranjos metodológicos.

economia e no uso da força; c. sobre religião e Estado, e, religião e política; d. consumo de mídias jornalísticas.

Perfil respondentes

Na 1ª rodada da pesquisa, antes do 1º turno das eleições, foi realizada uma entrevista com dois conservadores da faixa etária de 36 a 45 anos.

Considerando as faixas etárias, na 2ª rodada realizamos:

- de 16 a 24 anos - uma entrevista em profundidade (com apenas um respondente) e uma entrevista com dois respondentes;
- de 25 a 35 anos - duas entrevistas em profundidade;
- de 36 a 45 - um grupo de discussão;
- de 46 a 55 - duas entrevistas em profundidade.

Foram ao todo doze respondentes de corte conservador. Destes, a maioria está cursando ou cursou nível superior de escolarização. Exceto um respondente não está trabalhando, a maioria dos que estão trabalhando é celetista, um deles está fazendo estágio e os demais são autônomos. Com relação à faixa econômica familiar um deles não quis responder, quanto aos outros onze estão assim dispostos:

- mais de R\$1.401,00 até R\$2.090,00 (Grupo C/D): dois respondentes;
- mais de R\$2.090,01 até R\$5.225,00 (Grupo B): três respondentes;
- mais de R\$5.225,01 até R\$10.450,00 (Grupo B): quatro respondentes;
- mais de R\$10.450,01 até R\$20.900,00: dois respondentes.

Quanto à autodefinição racial seis respondentes se dizem brancos, quatro pardos e dois pretos.

Finalizando a bateria de perguntas sobre o perfil socioeconômico, temos cinco respondentes que dizem não ter nenhuma religião; três se identificam como católicos; e como cristão, protestante, evangélico e umbandista cada um deles.

Quanto aos progressistas, na 1ª rodada da pesquisa, antes do 1º turno das eleições realizamos:

- um grupo de discussão para a faixa de 16 a 24 anos; outro para a faixa de 25 a 35; e mais um com a faixa de 36 a 45 anos;
- com a faixa de 46 a 55 realizamos uma entrevista com dois respondentes.

Considerando as faixas etárias estabelecidas na pesquisa, na 2ª rodada, anterior ao 2º turno, efetuamos:

- de 16 a 24 anos - uma entrevista em profundidade;
- de 25 a 35 anos - um grupo de discussão;
- de 36 a 45 - um grupo de discussão;
- de 46 a 55 - duas entrevistas em profundidade.

Foram ao todo vinte e quatro respondentes de corte progressista. Metade dos respondentes (doze) diz possuir nível superior completo, dois deles disseram não ter completado o ensino superior até o momento, e sete são pós-graduados, o que denota um alto grau de escolarização do grupo como um todo. Dois respondentes afirmaram ter completado o ensino médio e apenas um respondente tem ensino médio incompleto, ambos estão na 1ª faixa etária, ambos não estão trabalhando, além de outros dois. Todos os outros (vinte pessoas) possuem trabalho, sendo que metade é celetista, sete são autônomos, dois estagiários e um funcionário público.

Com relação à faixa econômica familiar um deles não quis responder, os outros vinte e três entrevistados estão assim dispostos:

- 01 salário-mínimo até R\$1.401,00 (Grupo C/D): dois respondentes;
- mais de R\$1.401,00 até R\$2.090,00 (Grupo C/D): um respondente;
- mais de R\$2.090,01 até R\$5.225,00 (Grupo B): cinco respondentes;
- mais de R\$5.225,01 até R\$10.450,00 (Grupo B): dez respondentes;
- mais de R\$10.450,01 até R\$20.900,00: cinco respondentes.

Quanto à autodefinição racial a maioria se diz branco (dezesesseis respondentes), quatro pardos e dois pretos, um indígena e um amarelo.

Finalizando a bateria de perguntas sobre o perfil socioeconômico, temos a maioria (treze) dos respondentes dizendo que não professam nenhuma religião. Os demais se apresentam em grande dispersão: temos três católicos e três evangélicos; dois espíritas; um cristão, um batista e um umbandista.

3. A eleição de 2020 e o contexto pandêmico

No que diz respeito ao contexto pandêmico, o tema surgiu de forma contínua e espontânea durante as falas tanto de conservadores como de progressistas. Para



uma das entrevistadas (conservadora de 25 a 35 anos) “a pandemia foi o assunto mais importante do ano”. Com relação à votação, os entrevistados se mostraram seguros do ponto de vista das medidas sanitárias para irem votar.

Ao apresentarmos a imagem abaixo (FIG. 1), identificamos dois tipos de críticas, mas em um grupo menor tanto de progressistas como conservadores. Seja pela suposta obrigatoriedade da vacinação: “Eu vou tomar a vacina, minha esposa também, mas eu acho que legalmente ninguém tem o direito de me obrigar a fazê-lo, é minha opção tomar a vacina”(conservador de 46 a 55 anos); seja pela questão da confiabilidade: “não sei se eu confio 100% nesta vacina, porque cada dia é uma notícia, é uma pessoa falando que não vai poder vacinar, porque não é seguro, e a gente fica com medo” (progressista de 36 a 45 anos).

Enquanto o campo progressista de forma mais geral taxou a imagem como sendo uma *fake news*, no campo conservador percebemos uma espécie de apoio à mensagem do meme no sentido de crítica ao governador de São Paulo João Dória, acusado de utilizar o tema da vacina e da pandemia politicamente. Para um conservador de 36 a 45:

Todos os fatos que são relatados aqui no texto eu concordo com todos eles, porque eles cruzam com as notícias que eu tenho acompanhado. Principalmente, tenho assistido médicos, né, infectologistas dando opinião deles a respeito dessa vacina. Acredito sim que ela tenha um cunho político [...] principalmente os interesses do Dória, né. Porque ele tá muito ligado a querer dar o Brasil pra China.

Dória impõe obrigatoriedade das vacinas para covid, a todos os cidadãos do Estado de São Paulo. Uma vaCHINA a qual não sabemos seus efeitos colaterais, pois na Inglaterra um jovem está tetraplégico, na China dizem que houve 2034 mortes de cobaias por efeitos adversos.

Essa será a primeira vacina da história da humanidade a mexer com o nosso DNA. Ninguém sabe os efeitos a longo prazo; cânceres, esterilidade, aceleração do Mal de Alzheimer são alguns dos efeitos colaterais que alguns cientistas já citaram.

Essa vacina é um tiro no escuro. Pra mim essa vacina é eugenista, e como a idéia é essa mesma, os primeiros escolhidos serão os da terceira idade, pra dar uma enxugada na previdência.

Em uma palestra para um pequeno público, Bill Gates discursa: "sim, no início das primeiras vacinações para o covid haverá algumas mortes, isso será normal"....

Vejam como a elite encara a vacinação. O Brasil virou campo de testes para vacina, infelizmente. Quem puder, fuja para as montanhas, para os campos, para as praias, para lugares mais isolados do Brasil.

A GUERRA COMEÇOU, AS VACINAS COM TODA CERTEZA SERÃO LIGADAS AO CPF, QUEM NÃO TOMAR, NÃO VAI CONSEGUIR FAZER MAIS NADA, NEM PASSAPORTE, NEM CONTA EM BANCO, NEM SACAR FGTS, NEM PRESTAR CONCURSOS E MUITAS OUTRAS COISAS. FUJAM, ENQUANTO É TEMPO.

TEMOS QUE RESISTIR!



FIGURA 1 – O pequeno ditador

FONTE – Grupos de WhatsApp

Em ambos os grupos, ao comentarem sobre riscos da pandemia e vacinação, percebe-se em alguns entrevistados o reforço do estigma (Soares, 2020) de que as classes menos favorecidas são as mais influenciadas por notícias falsas ou ações dos governantes. Podemos notar duas falas. Ao tratar da desinformação, um progressista de 36 a 45 anos diz: “é claro que aquilo não faz o menor sentido, mas o estrago que isso faz na população no Brasil, infelizmente com o baixo nível de estudo e percepção da população, isso causa um estrago muito grande”.

Um conservador de 46 a 55 anos enfatiza que essa imagem:

Tem um poder gigantesco, e principalmente das parcelas menos favorecidas, no sentido de capacidade de discernimento, de formação mesmo, e de acesso inclusive a outros meios de informação.

4. Hipóteses explicativas

Crítica à representação política e/ou desinteresse pela política

Em relação à nossa primeira hipótese explicativa, destacamos que os progressistas de 25 a 30 anos identificaram uma discrepância entre as propostas dos candidatos e uma eventual atuação quando eleitos. Se dizem decepcionados com o que nomeiam por “rachas” entre a própria esquerda e a falta de espaço para pensar diferente diante a ofensiva violenta da extrema direita nas redes sociais e a perda do respeito no debate político intermediado pelos espaços sociais das mídias online. A sequência da leitura política realizada por estes entrevistados progressistas, se relaciona ao período de desestabilização da esquerda, iniciado a partir do mensalão e intensificado com o impeachment de Dilma Rousseff.

Nesse contexto histórico ganharam força as performances da extrema direita pelas estratégias e mecanismos de ampliação das vozes nas redes sociais online para legitimação de seus valores em novos eleitores. A colocação política divergente e de tendência progressista em redes sociais como Facebook ou em grupos de família e/ou amigos no WhatsApp era rudemente rechaçada por aqueles que compactuavam com os valores extremistas da direita, contra a esquerda, os feminismos, direitos humanos e o casamento homoafetivo por exemplo. Diante disso, cabe lembrar a reflexão de Arendt (2002) sobre a violência iniciar a partir da ausência de palavras que sustentariam o diálogo, a reflexão e a qualidade do discurso, o que pode ser denotado pela dificuldade da compreensão na esfera política. Neste sentido, a violência no exercício da comunicação se transforma em arma eficaz para finalizar a disputa, o debate e o esforço de compreensão.

Em concordância a tal contexto, os entrevistados progressistas entre 46 e 55 anos lembraram do peso que a violência e o desrespeito adquiriram ainda antes das eleições de 2018.

As falas dos entrevistados progressistas entre 36 e 45 anos se aproximam ainda mais de nossa hipótese explicativa, principalmente, quando um entrevistado do sexo masculino, destacou que a política “virou uma sanha pelo poder”. Os progressistas de 25 a 35 anos acenaram positivamente quando uma integrante do grupo lançou a ideia de que todos os partidos não são bons e que a política, inflamada pelas *fake news*,



causou em suas palavras: “entre amigos e família”, “confusão”, “caos”, “o mal”, “as lágrimas”, enfim, “à vitória de Bolsonaro”, por essa razão ela teria optado por viver em sua bolha. Mesmo entre os progressistas mais jovens, entre de 16 a 25 anos, foi levantado o descontentamento com candidatos que instrumentalizam as informações falsas para se beneficiar e prejudicar o adversário.

Num sentido não tão enfático, mas ainda relevante, o descontentamento em relação aos políticos e à política pode ser observado também entre os conservadores.

Um conservador homem no grupo de 36 a 45 anos, em concordância com os demais participantes daquela sessão da pesquisa, justifica essa característica atitudinal por identificar a política atual como sendo de “ataques por todos os lados”. Tal concepção também é trazida pelos conservadores de 46 a 55 anos, quando estes levaram a entender que a publicação de seus comentários políticos em redes sociais é vulnerável a ataques sob respostas violentas.

Os conservadores de 16 e 25 anos relataram de forma geral terem menos interesse na política hoje do que tiveram no passado; sobre tal discrepância, outro jovem entrevistado do sexo masculino, no mesmo grupo, alegou não ter mais a disposição necessária para levar a diante suas posições políticas pelo ambiente tóxico de embate nas redes sociais; outro, também homem, afirmou ter preguiça de se informar politicamente.

Entre todos os conservadores que nos concederam as entrevistas em profundidade, apenas um entrevistado, homem, entre a faixa etária entre 46 e 55 anos demonstrou-se impermeável aos conflitos e discórdias no ambiente da política intermediada pelo WhatsApp e Facebook durante as eleições de 2018. Mesmo assim, afirmou, tornou-se mais observador que atuante.

Esse desencorajamento ao engajamento político pode ser observado como uma tendência despolitizante; de um lado ela pode ser entendida como uma decepção com relação às identidades políticas, antes, inspiradoras; de outro, como efeito das crises econômicas e sociais que independente do poder estar sob orientação da esquerda ou direita, de algum modo, cede a “imposição da mão oculta do mercado” (WILSON; SWYNGEDOUW, 2014, p. 05, tradução nossa).



Esgotamento em relação à política eleitoral por conta de 2018

Diante da segunda hipótese, é possível compreendê-la como justificativa para a aproximação causal à primeira hipótese. Apenas um integrante dentre todos os entrevistados, progressistas e conservadores, considerou a política muito mais instigante a partir de 2018. Todos os demais demonstraram um saturamento político.

É possível notar, que as entrevistas em profundidade apresentaram um cenário de despolitização marcado pelo desestímulo ao engajamento político. Ou seja, ao mesmo tempo em que estão menos tolerantes com a desinformação e buscam evitar conflitos entre amigos e familiares no Facebook e WhatsApp, por conta da agressividade da política digital em 2018, também estão menos dispostos a pensar sobre e agir em nome da política.

Não obstante, o entrevistado conservador que se diferenciou ao demais (o chamaremos de *dissidente*), se autodeclarou observador sem posicionamento político definido. No decorrer da entrevista destacou que sua decepção política não veio das redes sociais no contexto das eleições de 2018, mas por conta da corrupção praticada pelo PT, partido em que ele depositou fé com a eleição do Lula para presidente em 2002 – algo reiterado por outros conservadores na faixa dos 46 a 55 anos.

Essa percepção ganha mais sentido quando recuperamos o contexto histórico de degradação da imagem dos protagonistas políticos da esquerda na esteira dos escândalos do *Mensalão* e da *Lava-Jato*, e do processo de impeachment de Dilma Rousseff (FAUSTO, 2017). Uma situação que se intensifica com a massiva desinformação propagada nas redes sociais por atores políticos da extrema direita e que exerceram papel fundamental na vitória do presidente Jair Bolsonaro.

O entrevistado *dissidente*, além de não se demonstrar afetado pelas *fake news* disseminadas via mídias sociais online, ponderou que a desinformação via redes sociais seria equiparável com a manipulação das informações via mídia impressa e televisiva.

Tendo como discussão as eleições de 2018 e o uso do WhatsApp e do Facebook para fins políticos, os progressistas entre 16 e 24 anos disseram não conseguir mais acreditar em pautas políticas dialogadas através de memes políticos nas redes



sociais, já que estaria evidente o teor de mentira e manipulação neles contidos. Mesmo assim, um deles demonstrou acreditar nos dados da imagem acima (FIG. 1)

Os conservadores desta mesma faixa etária – 16 a 24 – também demonstraram desconfiar desta linguagem que teve seu uso intensificado a partir de 2018, principalmente, pela disseminação de desinformação via grupos de WhatsApp e Facebook. Um entrevistado mesmo ainda jovem, na faixa entre 16 e 24 anos, exclamou: “Após 2018 decidi largar a política de mão, a política cansou!”.

Os entrevistados conservadores adultos, de 36 a 45 anos, disseram que durante as eleições de 2018, as *fake news* chamaram muito mais atenção que a verdade dos fatos, e que houve muitas brigas familiares desde então. Os entrevistados do campo progressista na mesma faixa de 36 a 45 anos percebem o caráter de “piada” e “absurdo” dos memes políticos nas redes sociais, desde a mensagem, a imagem e até o texto; mas não deixaram de lamentar o fato que muitos podem levar essas mensagens a sério.

O caráter do meme de desinformação interpretado como mentira foi bastante notável em todos os grupos entrevistados. Houve relato sobre uma pessoa da família, que embora exercesse a medicina como profissão, acredita em tudo que diz o presidente Jair Bolsonaro. Tal fato leva ao que Finchelstein (2020, p. 109) resgata de Freud para desenhar o papel do mito no fascismo, onde traz a ideia de submissão total aos desejos absurdos e mentiras propagados pelo “mito” do heroico. Neste sentido, o líder é quem determina a veracidade a partir de suas próprias ações. A observação que associava este meme a *fake news*, e *fake news* a mentira, foi bastante presente em todos os grupos de progressistas.

No que se refere aos entrevistados progressistas de modo geral, observamos igualmente uma saturação advinda do cenário político de 2018. Disseram que em muitas circunstâncias, se declarar progressista virou “um crime” pela reação da extrema direita nas redes sociais. Eles destacaram que partir de 2018 tornou-se impossível interagir politicamente nas redes sociais, dada a desinformação exagerada via grupos de WhatsApp. O estado emocional frágil acarretado pelo histórico da desinformação nas eleições de 2018 foi relatado por todos os progressistas entrevistados, alguns deles, confessaram que decidiram deixar a cordialidade de lado,



e desde então, saíram das redes sociais ou bloquearam grupos de família e/ou amigos.

O relato da discórdia pelas mensagens políticas em grupos de WhatsApp e Facebook também demonstrou marcas de dores entre maioria dos posicionamentos dos entrevistados, independente da direção conservadora ou progressista.

5. Antecipação de 2022?

Importante destacar que o tema das eleições em 2022, ocasião em que ocorrerá pleito para a presidência da República, governadores dos estados, Câmara dos Deputados e Senado Federal, não constou no roteiro de perguntas utilizado nesta pesquisa. Os pesquisadores também não estimularam as pessoas a manifestarem-se sobre o assunto. Toda vez que o pleito em 2022 apareceu nas dinâmicas foi de modo espontâneo.

Os progressistas selecionados não tocaram nenhuma vez no assunto. Embora alguns respondentes tenham demonstrado inquietações com o governo do presidente da República, Jair Bolsonaro (sem partido), não se verificou menções diretas a próxima eleição em nível federal. Ocorreram comparações das eleições municipais de 2020 com as eleições de 2018 no grupo dos progressistas bem como no grupo dos conservadores. A lembrança é de um período de ataques entre os espectros ideológicos. Progressistas demonstraram mais a percepção de que a tensão eleitoral diminuiu em relação aos conservadores e ambos trouxeram a ideia de pouca repercussão do pleito municipal.

Constatamos que ambos os grupos perceberam diminuição da tensão no período eleitoral em 2020 em relação as eleições de 2018, embora com predominância entre os progressistas; maior flexibilidade na aceitação de uma opinião contrária daquele período para cá; produção de consensos para manutenção de amizades e relações sociais de um modo geral.

Para Gallego (2019, p.96) a fabricação do “inimigo” desestabiliza a democracia por impor uma disputa “nós x eles”. A naturalização de um confronto que ultrapassa os limites democráticos na produção de consensos reproduz uma lógica que a autora



chama de “sociabilidade da inimizade”. Dessa forma, “construir a sociedade sobre a lógica da inimizade bloqueia a convivência social, destrói os tecidos coletivos (GALLEGO, 2019, p.96).

O processo eleitoral de 2022 foi comentado diretamente por dois entrevistados no grupo dos conservadores, quando apresentado a eles a figura 1. Um dos conservadores de 36 a 45 anos, e outro de 46 a 55 anos, disseram não acreditar nessa *fake news*, a despeito de o segundo ter demonstrado animosidade em relação ao tucano. A imagem de Doria despertou neles o contexto do jogo político. No segundo turno da campanha eleitoral de 2018 contra o candidato Márcio França (PSB), o tucano utilizou a dobradinha “BolsoDoria” como estratégia para pedir votos. A aproximação de Doria e Bolsonaro tornou-se afastamento e rompimento, principalmente durante a pandemia de covid-19, em que a politização da doença ganhou notoriedade na disputa por capital eleitoral.

Doria se tornou vínculo entre as eleições municipais de 2020 e o pleito em 2022. Para o conservador de 36 a 45 anos mencionado acima, a imagem do tucano transformada em ditador soa como antecipação das eleições em 2022:

[...] acho que é um absurdo isso, isso de fato é uma irresponsabilidade. De novo, acho que o emissor tem muita diferença, se for o João da esquina ok, é ruim, mas é pior quando é impulsionado por um formador de opinião, político. Com relação a eleição acho um pouco difícil ser especificamente, por conta da eleição municipal, apesar do Dória sem padrinho político do Covas acho que tem muito mais cara da preparação de terreno pra eleição de 2022. Obviamente que algum reflexo pode ser que exista nas eleições municipais, mas isso me parece preparação de terreno pra eleição de 2022, e assim, de forma extremamente irresponsável. Também não acho que exista alguém no gabinete do Dória que fale “vamos fazer alguém postar isso ou aquilo”, acho que é uma coisa muito natural, mas quero dizer, o start disso eu quero acreditar que não tenha sido do gabinete do Bolsonaro.

Outro entrevistado que ressaltou as próximas eleições foi um conservador de 46 a 55 anos Segundo o mesmo, Doria “foi o primeiro que realmente começou a politizar esse tema, logo no início da pandemia, foi o grande cara que já pensando na corrida eleitoral de 2022 usou isso infelizmente”. Assim como conservador de 36 a 45 anos já mencionado acima, este entrevistado observou a presença de elementos



correspondentes a narrativas que poderiam circular como parte do embate político no próximo pleito.

Segundo outro conservador também de 46 a 55 anos mencionou que:

[...] gostaria muito que, nós temos mais dois anos, que aparecesse alguém, nenhum extremista, ele poderia ser até um centro-esquerda, não importa, mas alguém que tente resgatar, porque eu acho que na vida, na política, o que determina é a esperança, que resgate esse pouco de esperança e credibilidade. Eu hoje acho muito difícil, eu não vejo um político brasileiro com essa capacidade.

Em suma, constatamos que o grupo dos conservadores tocou voluntariamente no assunto a respeito do próximo pleito em 2022, ainda que o tema tenha sido bem pouco mencionado. O grupo dos progressistas, ao contrário, não se referiu nenhuma vez as eleições de 2022, tendo feito somente alusão as eleições de 2018.

6. Considerações finais

Retomando a intersecção eleições/pandemia presente em nossa pesquisa, foi possível observar que tanto os progressistas quanto os conservadores disseram ser importante votar, mesmo com as medidas de distanciamento social.

O grupo progressista pode ser dividido entre aqueles que se sentem informados e os parcialmente informados sobre o processo eleitoral. Os conservadores de uma maneira geral seguem o mesmo padrão, exceto pelo posicionamento de três deles: uma conservadora de 25 a 35 anos e um conservador de 16 a 25 que demonstraram “desinteresse” pelas eleições; e um conservador de 25 a 35 que acha a eleição presidencial mais importante.

Abaixo sistematizamos (TAB. 1 e TAB. 2) as percepções mais latentes no que se refere às hipóteses explicativas apresentadas inicialmente, qual seja, crítica à representação política e/ou desinteresse pela política; e esgotamento em relação à política eleitoral por conta de 2018.

Lembrando que por se tratar de uma pesquisa de caráter qualitativo que objetiva investigar a fundo as percepções sobre a relação entre eleições e desinformação em contexto pandêmico, portanto, que não visa contemplar planos amostrais de teor



estatístico, não há uniformidade em relação aos posicionamentos, eles sequer apareceram em todas as faixas etárias.

TABELA 1
Hipótese: crítica à representação política e/ou desinteresse pela política

Categoria - Progressista 16 a 24 anos	· Instrumentalização de informações falsas para se beneficiar e/ou prejudicar o adversário.
Categoria - Progressista 25 a 30 anos	· Discrepância entre proposta e atuação política. · Disputas no próprio campo da esquerda. · Falta de espaço para se pensar diferente. · Ofensiva da extrema direita nas redes sociais. · Discórdia entre familiares e amigos por conta da política.
Categoria - Progressista 36 a 45 anos	· Ofensiva da extrema direita nas redes sociais. · Comunicação violenta.
Categoria - Progressista 46 a 55 anos	· Desinteresse pela política. · Poder pelo poder.
Categoria – Conservador 16 a 25 anos	· Desinteresse pela política. · Ambiente tóxico.
Categoria – Conservador 36 a 45 anos	· Crítica a uma política do confronto exacerbado.
Categoria – Conservador 46 a 55 anos	· Crítica a uma política do confronto exacerbado. · Comunicação violenta.

FONTE – Sistematização a partir de dados da pesquisa, 2021.



TABELA 2
Hipótese: Esgotamento em relação à política eleitoral por conta de 2018

Categoria - Progressista e Conservador	· Despolitização marcada pelo desestímulo ao engajamento político. · Menos tolerantes em relação à desinformação. · Evitar conflito em torno de questões políticas. · As mensagens políticas em grupos de WhatsApp e Facebook teriam resultado em um ambiente de discórdia.
Categoria - Progressista 16 a 24 anos	· Desconfiança em uma comunicação política feita através de memes.
Categoria - Progressista 36 a 45 anos	· Compreendem os memes políticos como um misto de “piada” e “absurdo”. · Reconhecem que os memes podem enganar alguns.
Categoria - Conservador 16 a 24 anos	· Desconfiança em uma comunicação política feita através de memes.
Categoria – Conservador 36 a 45 anos	· Percepção de que houve mais desinformação em 2018 do que em 2020.

FONTE – Sistematização a partir de dados da pesquisa, 2021.

Na percepção dos entrevistados, algo consensual, as *fake news* estiveram mais presentes em 2018 do que no decorrer das eleições de 2020, mas o pleito passado acabou marcando uma polarização política ainda presente.

Compreendemos a percepção socialmente compartilhada como uma característica atitudinal, *o que e como* pensam os participantes (INGLEHART; BAKER, 2000), estando, portanto, no nível valorativo e compreensivo de um aspecto da realidade. Acrescentamos também a premissa que um dos fatores que incidem no compartilhamento de conteúdo em geral, e de desinformação em específico, está justamente na correspondência e reiteração de convicções previamente estabelecidas (BENTES, 2018).

Se por um lado os progressistas não perceberam as eleições de 2020 como um palco de disputa para 2022, alguns conservadores disseram que se trata de uma briga política entre Dória e Bolsonaro. Mas de forma geral, conservadores e progressistas descrevem a existência de uma disputa política no contexto pandêmico e sobre a



pandemia em si, uma percepção que pode ser compreendida à luz do antagonismo político relatado entre outros autores por Mouffe (2015).

Partindo do referencial de populismo de Mouffe (2015) e Laclau (2015), Cesarino (2020, p. 122 e 123) nos fornece uma análise sobre a campanha de Bolsonaro que se relaciona às duas hipóteses explicativas acima, sendo que estas já tratam de um momento – ou paisagem política nas palavras da autora – de esgotamento ou mesmo de reconhecimento de um trauma político, mas diz sobre um engajamento apontado como presente nas eleições de 2018 ao menos na percepção dos conservadores. Nesse sentido,

o carisma digital e a simplicidade discursiva tanto da memética quanto do discurso populista, que foram a marca da sua campanha, fizeram com que qualquer um se sentisse à vontade e encorajado a participar da política nesses novos termos. O que era até então considerado a normatividade político-eleitoral foi ou relegado ao domínio do inimigo (a “velha política”) ou descontado como irrelevante ou obsoleto (debates enfadonhos com outros candidatos, planos de governo longos e em jargão burocrático, opiniões incompreensíveis de especialistas).

A estratégia metodológica de dividir os entrevistados entre conservadores e progressistas, uma diáde relacional histórica e geograficamente localizada, nos permitiu compreender aspectos da percepção política de eleitores da cidade São Paulo. Tais dados qualitativos que podem nos ajudar a compreender o mosaico que é a constituição dos imaginários políticos e como esses subsídios podem fundamentar as escolhas eleitorais, ou seja, o comportamento político.

Referências

- ALMEIDA, R. **Bolsonaro presidente**: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. Novos estudos. CEBRAP [online]. 2019, vol.38, n.1, pp.185-213.
- ALMEIDA, Ronaldo de; TONIOL, Rodrigo (orgs.). **Introdução**. Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos. Campinas: Editora Unicamp, 2018.
- ALONSO, Angela. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**: Bloco Qualitativo. Sesc São Paulo/CEBRAP. São Paulo, 2016.
- ARENDT, Hannah. **Comprensión y política (Las dificultades de la comprensión)**. Daimon: Revista Internacional de Filosofía pp.17-30, 2002.



_____. **Verdade e Política**. In: The New Yorker. Fev 1967. Tradução: Manuel Alberto. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5144219/mod>. Acesso: 12.04.2021.

BAUER, Martin W., GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7ª.ed., Petrópolis: Vozes, 2008.

BENTES, A. **O texto além do texto**. Fake News: Ambiência digital e os novos modos de ser. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Nº 520 | Ano XVIII | 23/4/2018.

BOBBIO, N. **Direita e Esquerda**. Razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Editora Unesp, 1994.

BONAZZI, T. **Verbetes Conservadorismo**. In: BOBBIO, N., MATTEUCCI, N., PASQUINO, G. Dicionário de Política. Brasília: Editora da UNB, 1998.

BURITY, J. **A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder?** In: Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos. Campinas: Editora Unicamp, 2018.

CASARA. **Precisamos falar da “direita jurídica”**. In: GALLEGO (org). O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Editora Boitempo, 2018. Versão Kindle.

CESARINO, L. **Como vencer uma eleição sem sair de casa**: a ascensão do populismo digital no Brasil. Internet & Sociedade. N. 1. V. 1. Fev 2020.

FAGANELLO. **Bancada da Bala**: uma onda na maré conservadora. In: CRUZ, KAYSEL, CODAS (orgs). Direita, Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. Versão Kindle.

FAUSTO, Ruy. **Caminhos da esquerda**: Elementos para uma reconstrução. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FINCHELSTEIN, Federico. **Uma breve história das mentiras fascista**. Tradução Mauro Pinheiro. 1ª ed. Editora Vestígio, 2020.

GALLEGO, E.S. **Quem é o inimigo?** Retóricas de inimizade nas redes sociais no período 2014-2017. In: MACHADO, Rosana Pinheiro; FREIXO, Adriano de. (orgs.). **Brasil em Transe**: Bolsonaroismo, Nova Direita e Desdemocratização. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019. 164 p.

INGLEHART, R.; BAKER, W. Modernization, Cultural Change, and the persistence of traditional values. **American Sociological Review**, 2000, Vol. 65 (February:19–51).

KAYSEL. **Regressando ao Regresso**: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. In: CRUZ, KAYSEL, CODAS (orgs). Direita, Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. Versão Kindle.

LACLAU, E. **A razão populista**. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

LIMA, Marcia. **O uso da entrevista na pesquisa empírica**. In: Métodos de pesquisa em Ciências Sociais – Bloco Qualitativo, São Paulo: Sesc São Paulo, Cebrap, 2016.

MIGUEL. **A reemergência da direita brasileira**. In: GALLEGO (org). O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Editora Boitempo, 2018. Versão Kindle.

MOUFFE, C. **Sobre o político**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

SOARES, Rosana de Lima. **Sutileza e grosseria da exclusão nas mídias**. São Paulo: Alameda, 2020.

VELASCO. **Elementos de reflexão sobre o tema da direita (e esquerda) a partir do Brasil no momento atual**. In: CRUZ, KAYSEL, CODAS (orgs). Direita, Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. Versão Kindle.

WEBER, M. Max Weber. **Grandes Cientistas Sociais**. COHN, Gabriel (org). São Paulo: Ática, 2003.



WILSON, Japhy and SWYNGEDOUW, Erick. **The Post-Political and Its Discontents - Spaces of Depoliticisation, Spectres of Radical Politics**. Edinburgh University Press Ltd, Edinburgh, 2014.